



COLAPSO EM MACEIÓ

Desmoronamento, se ocorrer, será “localizado”

Mina de sal-gema monitorada desde o último dia 28 ainda preocupa, porém apresenta estabilidade, diz Ministério de Minas e Energia. Solo do bairro Mutange já afundou 1,69 metro, mas ritmo desacelera, informa Defesa Civil

» ÁNDREA MALCHER

A velocidade do afundamento do solo no bairro de Mutange, em Maceió, causado pela exploração de sal-gema pela Braskem, diminuiu ao longo do dia de ontem. Até o começo da tarde, segundo boletim da Defesa Civil, o deslocamento era de 0,7 centímetros por hora, marca que caiu para 0,3 cm/h à noite. O desdobramento foi apurado pelo Serviço Geológico do Brasil (SGB) e levou o Ministério de Minas e Energia a divulgar um relatório afirmando que o afundamento foi estabilizado e, caso haja desmoronamento, “ocorrerá de forma localizada e não generalizada”.

A redução foi constatada em comparação com os dias 29 e 30 de novembro, quando a área cedida era de 50 centímetros. No sábado, houve uma redução para 15 centímetros. “Registra-se que ainda é uma velocidade elevada, ao se comparar com o parâmetro anterior da ordem de 20 centímetros por ano. A situação ainda demanda atenção”, informou o relatório.

Ainda de acordo com o documento, “o sismo percebido ocorreu em direção à Lagoa de Mundaú. Esse fenômeno indica um afastamento da situação de

instabilidade da área original”.

O prefeito de Maceió, João Henrique Caldas (PL), o JHC, explicou que, de todos os equipamentos que medem o afundamento do solo na região, somente um mantém o sinal de alerta. Desde o agravamento da crise causada pela exploração do sal-gema — usado na produção de soda cáustica e PVC —, na última quinta-feira, seis indicavam o perigo de colapso.

Embora o cenário esteja melhorando, JHC ponderou que o risco não diminuiu. A situação ainda é grave e, até ontem, o solo já havia cedido 1,69 metro. “A tendência permanece de diminuição na velocidade de afundamento na área. Os nossos equipamentos que medem o afundamento naquela região são 12 e apenas um está em sinal de alerta. Não podemos de forma alguma afirmar que aquilo é uma garantia de estabilização, mas é um caminho para a estabilização”, apontou o prefeito.

Explicações

Ainda que a Braskem tenha confirmado a evacuação completa de todos os trabalhadores da área de risco, o Ministério Público do Trabalho de Alagoas (MPT-AL) determinou que

Prefeitura de Maceió/Divulgação



Casas e ruas abandonadas após bairro ser evacuado. Petroquímica realizava a extração do minério em 35 minas

a empresa presente, até quarta-feira, os planos de gerenciamento de risco, de monitoramento, de emergência e de evacuação na área ameaçada pelo colapso da mina 18.

O MPT-AL estabeleceu que a Braskem só poderá retomar as

atividades na região, inclusive aquelas de vigilância patrimonial, após uma avaliação técnica das autoridades competentes, para garantir a segurança dos trabalhadores.

A empresa deverá inserir, nos autos do inquérito civil, “a

relação de todas as empresas prestadoras de serviço terceirizado, com os respectivos responsáveis pelo cumprimento da Norma Regulamentadora nº 22 do MTE, que trata da segurança dos trabalhadores em atividades de mineração”.

» COP28: Braskem e a agenda verde

A Braskem, empresa responsável pela mina 18, que pode colapsar a qualquer momento em Maceió, participa em dois painéis da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a COP28, em Dubai, nos Emirados Árabes. Na conferência, representantes da empresa irão falar sobre “O papel da indústria na economia circular de carbono neutro” e sobre os “Impactos da mudança do clima e a necessidade de adaptação da indústria”. Os debates estão previstos para ocorrer na próxima sexta-feira e na segunda (11). A COP28 tem como intuito debater as mudanças climáticas e como evitá-las.

“Para a próxima audiência, a mineradora também deverá trazer profissionais da área de operação das atividades de preenchimento das minas para eventuais esclarecimentos técnicos”, completou o MPT de Alagoas em nota.

Prefeito dá 15 dias para instituto fornecer licenças da Braskem

Em mais um capítulo de disputas políticas, o prefeito JHC protocolou um ofício para que o Instituto do Meio Ambiente de Alagoas (IMA) apresente os licenciamentos ambientais concedidos às minas da Braskem, em particular a 18, que causa o risco de colapso iminente de Mutange e de outros quatro bairros.

“Fizemos uma solicitação ao

IMA para que nos conceda todos os processos de licenciamento dessas minas. Tanto os processos anteriores, quanto os de tamponamento dessas minas, para saber sobre a mina 18 e todo o trabalho que estava sendo feito nela, além das outras também”, disse o prefeito.

A disputa política no estado entre o presidente da Câmara,

Arthur Lira (PP-AL), e o senador, Renan Calheiros (MDB-AL), ganhou novas nuances com o risco de colapso da mina 18 da Braskem. A empresa firmou um acordo de indenização com a prefeitura de R\$ 1,7 bilhão.

Lira, que é aliado de JHC, defende que os recursos fiquem com Maceió, já Calheiros, próximo ao governador Paulo Dantas

(MDB), quer que o valor seja destinado ao estado de Alagoas.

O prefeito afirma que sempre houve monopólio das informações ambientais da Braskem por parte do IMA, que terá 15 dias para enviar a documentação para a prefeitura.

“Sempre houve um monopólio muito grande em relação a essas tratativas do Instituto

do Meio Ambiente do Estado e não houve um compartilhamento dessas informações como deveria. Mas já que não houve, nós fizemos essa solicitação formal para poder contribuir e adotar as providências necessárias, e entendermos esse processo de licenciamento ambiental dessas minas em Maceió”, explicou.

O presidente em exercício, Geraldo Alckmin (PSB), deve se encontrar amanhã com o governador Paulo Dantas. Ainda não está previsto, mas ele deve visitar a área de monitoramento com os ministros da Integração Regional, Waldez Góes; do Desenvolvimento Social, Wellington Dias; e dos Transportes, Renan Filho. (AM)



ROBERTO BRANT

QUEM PASSAR OS OLHOS PELA TUMULTUADA HISTÓRIA DOS REGIMES POLÍTICOS, DO IMPÉRIO ROMANO À MONARQUIA FRANCESA DO SÉCULO XVIII E AO IMPÉRIO SOVIÉTICO, VAI PERCEBER COMO ESSAS ESTRUTURAS DE FORÇA E PODER CAÍRAM A UM LEVE SOPRO, COMO UM MERO CASTELO DE CARTAS.

Um tempo de excessos

O historiador grego Políbio, que viveu no segundo século antes da Era Cristã, escreveu que todas as formas de governo são destruídas pelo seu próprio excesso. Ao longo dos muitos séculos que se seguiram, a história parece ter dado razão àquela intuição. Monarquias, ditaduras e repúblicas em todos os tempos e em todos os lugares ruíram quase sempre por causa das suas próprias extravagâncias e pela perda do senso de realidade. Quem passar os olhos pela tumultuada história dos regimes políticos, do império romano à monarquia francesa do século XVIII e ao império soviético, vai perceber como essas estruturas de força e poder caíram a um leve sopro, como um mero castelo de cartas.

Qualquer forma de governo sobrevive pelo medo ou pelo consentimento. Sociedades governadas pela força e pela intimidação parecem muito estáveis na superfície, mas pressões subterrâneas têm um poder de corrosão que, com o tempo, podem destruir as estruturas mais resistentes. Por isso, até as tiranias buscam cultivar a confiança dos governados. Se o regime deixa de entregar bem-estar e prosperidade e se a imagem dos governantes perde a aura de severidade e contenção, mesmo com todo o aparato de segurança, o regime rapidamente desmorona sem resistência.

Nas democracias, onde o consentimento é a única fonte do poder, os laços de confiança têm que ser fortes e constantemente alimentados

pelas instituições da representatividade. O momento ideal das democracias são os tempos de prosperidade econômica e de mobilidade social.

Diante da estagnação econômica e do congelamento da pirâmide social, as instituições e os homens que a dirigem precisam dar provas contundentes de virtude, de integridade e de despojamento, pois do contrário a população se entregará ao primeiro demagogo que falar a língua dos indignados.

Olhando especificamente para o Brasil, as nossas instituições democráticas e os homens que compõem as organizações que exercem o Poder, com raras exceções, perderam o senso da realidade. Não têm qualquer sentido de missão e exercem

o poder como um fim em si mesmo. Entre nós, o Poder e a sociedade são dois países diferentes, com poucas relações entre si.

O próprio Poder do Estado está em crise em razão dos seus excessos. O Poder Legislativo, na União e nos estados, tem ultrapassado suas fronteiras, tornando cada vez mais difícil para o Executivo governar. Graças a um sistema eleitoral que dificulta ao eleitor saber em quem verdadeiramente está votando e a um sistema partidário que mais se assemelha a uma franquia comercial, o Legislativo não representa a população. Apesar disso imobiliza presidente, governadores e prefeitos e se assenhora de parte substancial dos orçamentos, sem qualquer orientação estratégica. Governos

parlamentares dão ao Parlamento, além de poder, responsabilidade, em caso de erro ou fracasso. Poder sem responsabilidade leva naturalmente a excessos. O modelo em que vivemos não pode dar certo e alguma consequência haverá.

Do outro lado da Praça dos Três Poderes, infelizmente, os excessos não são a exceção. Nossa Constituição deve ser a mais extensa do mundo, dando às mais mezinhas questões o elevado status constitucional. Em razão disso, nossa Corte Constitucional pode apreciar praticamente qualquer assunto, pois sempre haverá uma norma específica ou um princípio geral para justificar, tornando-a praticamente uma quarta instância em nosso sistema judicial. Pode,

mas não deveria, e apenas o faz para realçar o seu poder, transformando-se num elemento central na governança do país. Nunca foi esse o papel do Poder Judiciário em uma democracia.

Os excessos constantes e generalizados do Poder Legislativo e da cúpula do Poder Judiciário comprimiram o espaço do Poder Executivo, impedindo-o de governar com um mínimo necessário de autonomia. Num país fortemente polarizado, no qual metade da população torce contra o governo, quase ninguém adverte contra o perigo desse desequilíbrio.

É difícil, ou mesmo inútil, tentar prever o futuro. Uma coisa, no entanto, é certa: nenhum excesso dura para sempre.

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)